



Revista APMED - Volume 1 - Número 1 - Julho de 2022

IBIAPINA, O APOSTOLO DA CARIDADE

Ricardo Antônio Rosado Maia

Membro da Academia Paraibana de Medicina

Vivemos um momento estranho. Foram decorridos 18 meses e a rotina de vida mudou, nos tornamos reféns do medo. Assistimos na mídia, um festival necrológico, e as nossas reações emocionais passaram a gravitar em torno de algo parecido com mau humor. Um estado de impotência que tolhia a iniciativa de pensar com clareza, sentimento esquisito que tomou conta das minhas iniciativas, dificultando a capacidade de concentração. Queria aproveitar o tempo ocioso e não conseguia prazer nas práticas rotineiras. A leitura rapidamente se tornava enfadonha, passei a dormir mais do que o habitual. Esse foi o presente que a COVID 19 me deu.

Na incumbência de contribuir para a Revista da Academia Paraibana de Medicina, em meio a uma tempestade para escrever esse texto, fixei-me na em falar sobre o sentido da nossa profissão que foi intensamente demandada pelos ânimos da política e os ressentimentos reinantes inseridos em um debate sem lógica, distantes da ciência e o humanismo que a pratica médica enseja.

A nossa revista tem procurado abordar assuntos que permitam uma reflexão mais abrangente da missão de um profissional da saúde e assim busquei na imagem de Ibiapina inspiração para concretizar o desiderato de motivar a reflexão que o momento exige.

Foram muitas lembranças. Recordei diálogos mantidos com um velho tio que cursou medicina no Rio de Janeiro no tempo da Gripe Espanhola, tentei fazer correlações, mas o texto não me pareceu adequado por ser apenas uma informação oral. Na angústia da escolha do tema, recebo de Davi Medeiros um exemplar da Revista da Academia Norte Riograndense de Letras – 2021 nº 67 – abril/junho e um artigo da lavra de Benedito Vasconcelos Mendes chama atenção ao discorrer sobre

Pe. Ibiapina. Devoro com voracidade e percebendo o valor ético e caridoso da vida laica e religiosa do grande cearense e me fixei nele.

Na minha lembrança de Ibiapina, só recordava um pouco da vida missionária., cuja trajetória estampa uma luta contínua e estoica contra as injustiças que os acasos da vida lhe ofertaram.

José Antônio Pereira nasceu em 1806, filho de Francisco Miguel Pereira, proprietário rural cearense, que adotou o sobrenome Ibiapina pelo envolvimento nas articulações da Confederação do Equador, revolta de caráter republicano, gerada pela insatisfação com as atitudes do Imperador Pedro I, sobretudo contra a Constituição promulgada, que só atendia a interesses da monarquia Portuguesa. Sufocada a rebelião das províncias no nordeste brasileiro, Francisco Miguel Pereira Ibiapina é condenado ao fuzilamento e seu filho mais velho ao degredo onde morreu misteriosamente.

Aos 19 anos, Ibiapina e a família, enfrenta todas as dificuldades impostas pela contingência da forma como o pai perdeu a vida. Continuou os estudos até ser aprovado no curso de Direito da Faculdade de Olinda e Recife em Pernambuco. Destacou-se como aluno brilhante, e, ao término do curso em 1832 passa a lecionar a disciplina de Direito Natural, também denominada jusnaturalismo que é uma teoria que procura fundamentar o direito no bom senso, na racionalidade, na equidade, na justiça e no pragmatismo.

Adquiriu notoriedade como advogado ao militar a profissão na Paraíba e Pernambuco.

Na sequência retorna a Fortaleza para casar com Carolina Clarence de Alencar Araripe, mas foi surpreendido com a constatação de que a noiva havia casado inesperadamente com um primo e não havia tido a mínima consideração em comunicá-lo.

Na vida pública foi Deputado Geral do Império (1834-1837), Juiz da Comarca da Comarca Campo Maior (Quixeramobim-CE).

De 1840 a 1849 advogou no Recife-PE e Areia-PB tendo construído um bom conceito no meio jurídico desses dois estados.

Em Recife no ano de 1849 atua como advogado de defesa de Felipe José da Silva condenado a enforcamento, natural de Acari-RN. Defendendo causa que pelas suas características se coadunava com a sua formação jurídica e que a sentença final livraria o seu constituinte da pena. O réu havia assassinado um homem surpreendido em ato sexual com sua esposa e cujo aspecto mais chocante do delito era que o

amante era o próprio genitor da consorte. A decisão do Juiz foi tão absurda que resolve abandonar a profissão e passa alguns anos recluso refletindo sobre a vida e sobre as experiências experimentadas até aquela data.

No artigo de Benedito Vasconcelos Mendes registra palavras atribuídas a Ibiapina: *“Desde o começo da minha vida, que as desgraças me cercam Meu Pai fuzilado pela política; meu irmão desterrado, onde morreu desgraçadamente; minhas irmãs, em tenra idade, abandonadas em casas de parentes, deram ao meu espírito uma direção tão penosa que aprendi a pensar seriamente, já na juventude, com pendor sempre para coisas penosas”*.

O exercício da reflexão, durante os anos de reclusão meditativa, permitidas no retiro, faz nascer o desejo do sacerdócio que se concretiza de forma curiosa: amigos leigos ligados a igreja católica, padres e através do Bispo Dom João da Purificação Marques Perdigão, aceita ordenar Ibiapina, Padre, sem a necessidade de frequentar o seminário aos 47 anos de idade. Logo, foi designado Vigário Geral da Diocese de Olinda e Recife e depois para lecionar a disciplina de História Sagrada e Eclesiástica no seminário.

A segunda metade do século XIX, ficou marcada com uma série de acontecimentos catastróficos no nordeste brasileiro: peste, cólera e secas. Esses fatos contribuíram para Pe. Ibiapina tomar a decisão de retornar ao sertão para desenvolver uma ação missionária que se diferenciou de outras, por introduzir o cuidar do espírito e do corpo dos desvalidos sertanejos. Por cerca de 28 anos o Pe. Ibiapina atuou em cinco Estados (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco pregando a palavra de Deus e através de mutirões construindo IGREJAS, CAPELAS, CASAS PAROQUIAIS, CRUZEIROS, CEMITÉRIOS, ESCOLAS, BIBLIOTECAS, CASAS de ACOLHIMENTO para enfermos, ABRIGOS para ORFANATOS com ENSINO PROFISSIONALIZANTE para crianças abandonadas do sexo feminino, CACIMBÕES, PEQUENOS AÇUDES, ajudando no plantio de alimento para subsistência. Essas atividades possuíam regimentos e muitas delas foram assumidas por suas irmãs, irmãos e beatos. Um aspecto interessante é que essas casas não tinham escravos ou empregados, todos trabalhavam voluntariamente. As ajudas da comunidade ocorriam generosamente em função da credibilidade do Pe. Ibiapina.

Esta é a visão sumária que hoje tenho do HOMEM sofrido que tomou decisões difíceis na sua vida e a preencheu com uma obra edificante, lastrada na caridade; sentimento que sob o ponto de vista filosófico prioriza a ética.

Teve ações que Hipócrates nos lembra em nosso código de ética profissional. Práticas que durante essa pandemia que nos assola é exercitada diuturnamente pelos profissionais de saúde, as vezes com o sacrifício da própria vida e mal-entendida por parte das autoridades legislativas e jurídicas do nosso País.

Dedico esse artigo aos profissionais da saúde que anonimamente exercem trabalho exaustivo nos hospitais, UTIs, Emergências, Enfermarias e Ambulatórios, superando o medo de também ser uma vítima da virose, a exaustão das longas jornadas de trabalho, o afastamento da família e do convívio social. Muitos pagando com a própria vida. Estes merecem o nosso respeito e a eles dedico as palavras aqui registradas.